

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 914

A EVOLUÇÃO DA INFORMALIDADE NO BRASIL METROPOLITANO: 1991-2001*

Lauro Ramos**

Rio de Janeiro, novembro de 2002

* O autor agradece o apoio do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) através do convênio com o IPEA para elaboração do boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise.

** Da Diretoria de Estudos Sociais do IPEA.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Governo Federal

**Ministério do Planejamento,
Orçamento e Gestão**

Ministro – Guilherme Gomes Dias

Secretário Executivo – Simão Cirineu Dias

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o IPEA fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais, possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro, e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Roberto Borges Martins

Chefe de Gabinete

Luis Fernando de Lara Resende

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Eustáquio José Reis

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Gustavo Maia Gomes

Diretor de Administração e Finanças

Hubimaier Cantuária Santiago

Diretor de Estudos Setoriais

Luís Fernando Tironi

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Murilo Lôbo

Diretor de Estudos Sociais

Ricardo Paes de Barros

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Uma publicação que tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos, direta ou indiretamente, pelo IPEA e trabalhos que, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 1

2 INFORMALIDADE NO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO 1

3 COMENTÁRIOS FINAIS 7

ANEXO 8

SINOPSE

Este trabalho procura investigar uma das características marcantes do funcionamento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro na década de 1990, que foi o crescimento da informalidade das relações de trabalho. Com base nos dados mensais da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, investiga-se a possível ligação entre este crescimento da informalidade e as mudanças na composição setorial do emprego, sumariadas por dois setores emblemáticos: indústria de transformação, que encolheu no período, e o segmento de serviços, que cresceu significativamente. Os resultados mostram que, embora não tão trivial quanto algumas vezes imaginada, a associação entre informalidade e composição setorial do emprego existe. Mais que isso, o comportamento recente desta última permite conjecturar que a trajetória de expansão da informalidade estaria por ser encerrada.

ABSTRACT

In this essay we investigate the increase of informality in the Brazilian metropolitan labor markets throughout the nineties, making use of the monthly data made available by PME/IBGE. We try to understand the connection between such increase and the changes in employment by sector of activity, summarized by two emblematical segments — industry and services. The results show that, though not as trivial as usually guessed, this association does exist. Moreover, the recent behavior of employment by sector allows one to conjecture that the increase of informality is close to an end.

1 INTRODUÇÃO

A década de 1990 foi marcada por grandes mudanças no funcionamento do mercado de trabalho, acarretadas pelas significativas transformações ocorridas no cenário econômico nacional. A combinação de diferentes políticas e contextos macroeconômicos afetou o comportamento de diversas variáveis do mercado de trabalho, implicando rupturas no padrão histórico de comportamento.

Neste trabalho vamos centralizar a atenção na evolução na forma de inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho metropolitano, para o qual existem dados em base mensal ao longo de todo o período, procurando acompanhar e analisar o assim chamado processo de “informalização” das relações de trabalho — entendida aqui, tal qual no debate em geral, como a ausência de proteção da legislação trabalhista para estas relações. Este é um fenômeno que tem chamado a atenção dos especialistas, uma vez que, em geral, a existência de tal proteção é entendida como um indicador de qualidade do emprego. Estaria havendo, portanto, uma precarização do emprego através da informalização do mercado de trabalho.

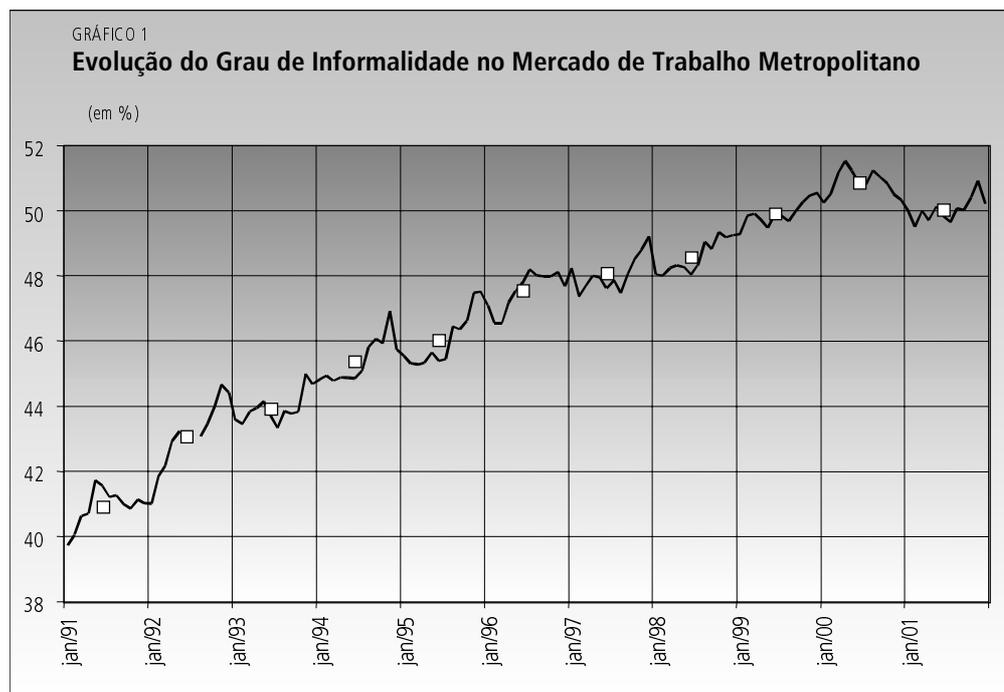
O crescimento do percentual de postos de trabalho “não-protegidos” no total é, normalmente, associado às mudanças ocorridas na estrutura setorial do emprego no período. Essas transformações setoriais começaram a ter lugar já no início da década, com a “abertura” paulatina da economia, o que ensejou um processo de enxugamento da estrutura produtiva, mormente na indústria de transformação, com vistas a dotar de competitividade os produtos brasileiros nos mercados externos. Uma das práticas mais difundidas para tanto foi a dita “terciarização”, que contribuiu para o crescimento do setor de serviços. Com a implementação do Plano Real, que, principalmente em sua primeira fase, gerou uma supervalorização da moeda, ajustes ainda mais profundos em termos da busca de um aumento de produtividade se fizeram necessários, ensejando o prosseguimento da realocação setorial do emprego. Nesse contexto, a possível ligação entre o crescimento da informalidade e as mudanças na composição setorial da ocupação constituirá o principal objeto de análise deste trabalho.

2 INFORMALIDADE NO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO

Uma das características do início da década, em função das alterações no cenário econômico descritas sumariamente na introdução, foi o crescimento das relações informais de trabalho (o trabalho assalariado sem carteira e o trabalho por conta própria). Conforme mostrado no Gráfico 1,¹ nos seis primeiros anos, de 1991 a 1996, o percentual de trabalhadores informais passou de 40% para 47% no

1. Os dados aqui utilizados são aqueles fornecidos pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME), que é uma pesquisa domiciliar mensal levada a cabo pelo IBGE em seis das principais regiões metropolitanas brasileiras — São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador —, representando cerca de 25% da força de trabalho.

conjunto das seis regiões metropolitanas cobertas pela PME.² De meados de 1996 até o final de 1997, o ritmo de crescimento do grau de informalidade diminuiu, ficando próximo de 48%. Como reflexo das agruras por que passou a economia brasileira em 1998 e 1999, o funcionamento do mercado de trabalho mudou, o que fez com que o processo de informalização retomasse fôlego, de tal forma que nos últimos meses de 1999 foi rompida a marca de 50%, chegando a 51% no início de 2000. A partir de então, e de forma até certo ponto surpreendente, houve uma ligeira queda, seguida de estabilização em torno de 50% durante todo o ano de 2001.



Fonte: PME/IBGE e *Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise* (IPEA/MTE), vários números.
Nota: Os quadrados brancos indicam, no gráfico, as médias aritméticas para cada ano.

Existem algumas conjecturas para explicar esta mudança recente no comportamento da informalidade, sendo uma das mais difundidas aquela que atribui a um esforço mais intenso e mais efetivo por parte dos fiscais da previdência social, em conjunto com uma mudança de postura no que tange à fiscalização trabalhista, que teria passado a incentivar (salientar vantagens) a assinatura da carteira de trabalho ao invés de simplesmente multar. Não há, contudo, nenhum estudo até o momento que forneça algum tipo de comprovação empírica para esta tese.

Com o intuito de explorar possibilidades de explicação alternativa para essa mudança de trajetória, procuraremos, na subseção que se segue, verificar a existência de uma possível associação entre este comportamento e a evolução da composição

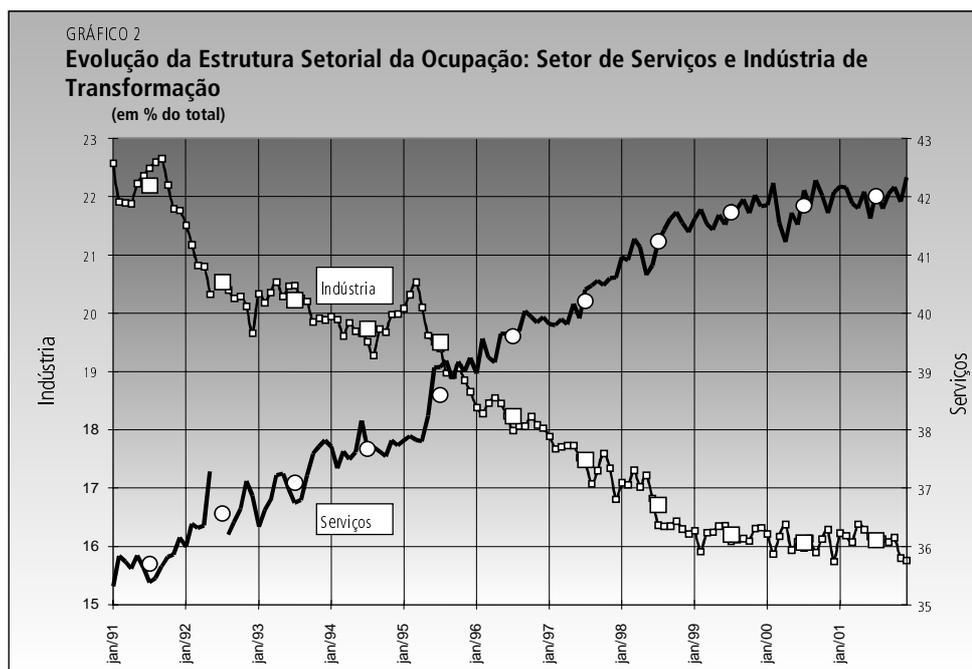
2. É importante ressaltar que essas taxas superestimam o verdadeiro grau de informalidade das relações de trabalho, uma vez que, na PME, os servidores públicos, que na verdade são protegidos pela legislação trabalhista e possuem vínculos empregatícios formais, são classificados como trabalhadores sem carteira, em função de serem estatutários. Estimativas próprias, que forçosamente envolvem um certo grau de imprecisão, mostram que eles seriam hoje responsáveis por algo entre 8 e 10 pontos percentuais da informalidade. Desse modo, parece mais adequado afirmar que a informalidade abrange cerca de 40% da força de trabalho metropolitana.

setorial do nível da ocupação, que sofreu alterações no bojo das transformações estruturais no funcionamento do mercado de trabalho.

2.1 MUDANÇAS NA ESTRUTURA OCUPACIONAL

Na verdade, o crescimento da informalidade foi devido, em boa medida, ao fato de a década de 1990 ter testemunhado mudanças profundas na estrutura ocupacional metropolitana. Houve uma vasta gama de alterações, que, ao menos em uma primeira análise, podem ser sintetizadas pelo exame do comportamento de dois setores emblemáticos da economia: o da indústria de transformação e o do setor de serviços.

Por um lado, a indústria de transformação, que foi, sem dúvida, o segmento mais afetado pelo processo de abertura e exposição da economia à concorrência internacional, experimentou uma perda de importância relativa, com sua participação do nível de ocupação caindo da faixa de 22% em 1991 para o patamar de 16% no final de 1999, mantendo-se estável daí em diante. Por outro lado, o setor de serviços, em parte pela própria estratégia de “terciarização” utilizada pela indústria para enxugar sua estrutura produtiva, mas também por acolher grande parte dos trabalhadores que ingressaram no mercado, aumentou sua participação relativa de pouco menos de 36% para cerca de 42% no mesmo período³ (Gráfico 2), e esta expansão deu-se com maior intensidade até o início de 1999, mantendo-se, notadamente ao longo de 2001, bastante próximo da marca de 42%.



Fontes: PME/IBGE e Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise (IPEA/MTE), vários números.
Nota: Os quadrados brancos indicam as médias aritméticas para cada ano.

3. Em termos absolutos as diferenças são ainda mais gritantes, haja vista que neste intervalo houve a destruição, em termos líquidos, de quase 600 mil postos de trabalho na indústria de transformação (apesar da recuperação de mais de 100 mil postos a partir de 1999, quando sua participação relativa deixou de declinar), enquanto o setor de serviços absorveu quase 2 milhões de trabalhadores (sendo que mais da metade dessa expansão ocorreu entre 1994 e 1996, inclusive).

Parece lícito argumentar que o fato de a inserção informal no mercado de trabalho ter crescido de forma substantiva na década de 1990 — até atingir o quadro atual, quando o total de assalariados sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria é, para todos os efeitos práticos, igual ao de assalariados com carteira — esteja diretamente ligado à realocação setorial da força de trabalho neste íterim.

A razão de ser para esse raciocínio deve-se às características dos postos de trabalho em cada um desses setores: enquanto a indústria contrata majoritariamente através do assalariamento com carteira assinada — em torno de 70% dos vínculos trabalhistas na indústria eram dessa natureza em 2001 — o oposto acontece com o segmento de serviços, em que o grau de informalidade era próximo de 60% nesse mesmo ano. De maneira análoga, a constatação de que o movimento ascendente da informalidade perdeu força, ou mesmo desapareceu, na virada da década, justamente quando as participações desses setores no total da ocupação se estabilizaram, serve para reforçar este argumento.

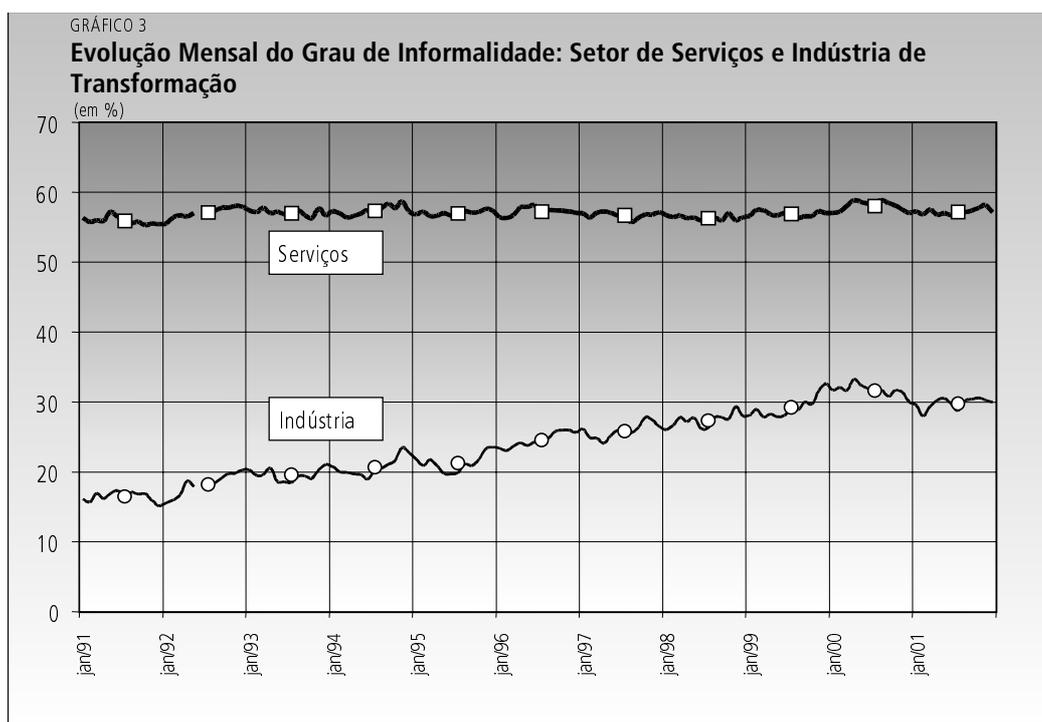
Deste modo, a se confirmarem as tendências para comportamento do emprego na indústria e no segmento de serviços, delineadas nos últimos três anos, parece lícito esperar, à luz do argumento, que, apesar de se situar em patamares elevados, a informalidade passe a experimentar alguma redução no futuro próximo.

2.2 A EVOLUÇÃO DA INFORMALIDADE POR SETOR

A base para o argumento de que a confirmação da tendência recente de interrupção da expansão do setor de serviços e da queda da indústria acarretará o final do crescimento da informalidade, conforme estabelecido na seção anterior, reside no fato de que o primeiro é mais intensivo em vínculos informais, enquanto o segundo é mais intensivo em relações formais. Mostramos, na seção anterior, que isto de fato é verdadeiro para o último ano. Faz-se necessário, todavia, um exame da evolução dessa característica no passado recente para respaldar melhor a tese, como será mostrado a seguir.

As evoluções mensais do grau de informalidade na indústria e serviços são apresentadas no Gráfico 3. Três observações são dignas de destaque:

- a)* o setor de serviços sempre foi, ao longo do período analisado, muito mais marcado pelos vínculos informais do que a indústria de transformação;
- b)* o grau de informalidade no segmento de serviços, além de elevado, manteve-se praticamente inalterado de 1991 a 2001, num patamar ligeiramente inferior a 60%; e
- c)* a indústria de transformação, apesar de ter um grau de informalidade bem menor do que o setor de serviços, experimentou elevações ao longo do período, passando do patamar de 16% em 1991 para o de 30% de 1999 para cá.



Fontes: PME/IBGE e Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise (IPEA/MTE), vários números.
Nota: Os quadrados brancos indicam as médias aritméticas para cada ano.

Constatamos, assim, que a premissa básica de que os vínculos trabalhistas são bastante formalizados na indústria de transformação, e de natureza bem mais informal no setor de serviços, de fato se confirma. Não obstante, ficou demonstrado que a intensidade da formalização na indústria diminuiu de mais de 80% em 1991 para cerca de 70% nos três últimos anos (este é o complemento do grau de informalidade mostrado no gráfico). Essa “descoberta” de que a indústria foi afetada pelo processo de informalização no mercado de trabalho enfraquece o argumento anteriormente apresentado, tornando necessária uma análise mais detalhada da relação entre as mudanças na composição setorial e a evolução da informalidade.

2.3 A IMPORTÂNCIA DAS MUDANÇAS SETORIAIS PARA A INFORMALIDADE

Um primeiro exercício, e o mais natural deles, para estimar a importância das mudanças na estrutura setorial para “explicar” a variação na informalidade passa pela busca da resposta à seguinte questão: qual seria o grau de informalidade hoje caso a estrutura setorial não tivesse mudado?

Em qualquer instante do tempo, o grau de informalidade do mercado de trabalho pode ser obtido a partir da soma dos produtos, dentro de cada setor, do grau de informalidade do setor pela sua participação na ocupação total. Quer dizer:

$$GI_t = \sum_i GI_{it} \cdot PES_{it}$$

onde:

GI_t = grau de informalidade no instante t ;

GI_{it} = grau de informalidade do setor i no instante t ; e

PES_{it} = participação do setor i no emprego total no instante t .

Uma forma alternativa de ler a expressão anterior é: o grau de informalidade do mercado de trabalho em um momento qualquer é dado pela média dos graus de informalidade de cada setor, em que os respectivos pesos nada mais são que a participação de cada setor no emprego total. Com isso a resposta à questão anterior torna-se trivial:

$$GI_t^* = \sum_i GI_{it-1} \cdot PES_{it-1}$$

onde:

GI_t^* = grau de informalidade que prevaleceria no instante t (2001) caso a estrutura setorial do emprego tivesse se mantido igual à do instante $t-1$ (1991).

Assim, a contribuição da estrutura setorial da ocupação $CES_{t,t-1}$ para explicar a variação do grau de informalidade do mercado de trabalho entre os instantes t e $t-1$ seria dada por:

$$CES_{t,t-1} = \frac{(GI_t^* - GI_{t-1})}{(GI_t - GI_{t-1})}$$

Este exercício é levado a cabo com os dados de 1991 e 2001 relativos aos setores de serviços e indústria de transformação e o conjunto dos demais setores, de forma a destacar as mudanças ocorridas nos dois primeiros. Conforme pode ser visto na Tabela 1, em que também é apresentado o conjunto de dados utilizados, a contribuição das mudanças de tamanho da indústria e de serviços, apesar de não-desprezível, explica relativamente pouco da variação na informalidade — 26,7%.

TABELA 1
Efeito da Realocação Setorial da Ocupação sobre a Informalidade

Ano	Setor						Total
	Estrutura ocupacional			Informalidade			
	Indústria	Serviços	Outros	Indústria	Serviços	Outros	
1991	0,222	0,357	0,421	0,165	0,559	0,411	0,409
2001	0,161	0,420	0,419	0,298	0,572	0,506	0,500
Efeito da realocação setorial (%)							26,7%

A razão para essa contribuição não ser mais elevada reside justamente no fato de a informalidade ter crescido no interior da indústria de transformação. Na verdade, os números da Tabela 1 revelam que, em termos relativos, a informalidade cresceu mais neste segmento do que no mercado de trabalho como um todo. Uma forma alternativa de colocar este ponto é dizendo que o fato de a indústria ter reduzido sua participação na ocupação total fez com que fossem “criados” menos postos de trabalho informais do que se ela tivesse mantido tal participação, *caeteris paribus*, mas ainda assim o número de postos dessa natureza cresceu em termos absolutos dentro

da indústria, pois o aumento da informalidade mais do que compensou o encolhimento do setor: conforme apresentado na Tabela 2, a ocupação na indústria diminuiu de 3,35 milhões de trabalhadores em 1991 para 2,77 milhões em 2001; já o número de postos de trabalho com vínculo informal subiu de 0,55 milhão para 0,82 milhão no mesmo intervalo de tempo.

TABELA 2
Geração Líquida de Postos de Trabalho Informais
 (em milhões)

Ano	Setor							
	Nível da ocupação total				Ocupações informais			
	Indústria	Serviços	Outros	Total	Indústria	Serviços	Outros	Total
1991	3,35	5,38	6,35	15,08	0,55	3,01	2,61	6,17
2001	2,77	7,22	7,20	17,19	0,82	4,13	3,65	8,60
Variação	-0,58	1,84	0,85	2,11	0,27	1,12	1,04	2,43
Contribuição (%)					11	46	43	

Nesta linha, a Tabela 2 apresenta um exercício alternativo para “contabilizar” a contribuição da indústria e serviços para o aumento da informalidade. Primeiro, podemos observar que entre 1991 e 2001 foram gerados, em termos líquidos, 2,11 milhões de ocupações, mas o número de vínculos informais cresceu mais que isso — 2,43 milhões.⁴ Segundo, o setor de serviços abrigou 1,84 milhão de trabalhadores a mais que em 1991, e cerca de 60% — 1,12 milhão — através de vínculos informais. Terceiro, como frisado no parágrafo anterior, a ocupação na indústria encolheu, mas o número absoluto de postos de trabalho informais *cresceu*. Em resumo, concentrando as atenções nos números absolutos, vemos que os setores da indústria e serviços explicam, em conjunto, 57% dos postos de trabalho informais criados entre 1991 e 2001.

Este resultado se por um lado confirma a importância desses dois setores para o entendimento do crescimento da informalidade, por outro deixa claro que *a ligação entre mudanças na estrutura setorial do emprego e mudanças na informalidade não é tão forte quanto uma primeira análise pode levar a supor*. Isto porque as razões pelas quais cada um desses setores contribuiu para o crescimento da informalidade foram distintas: no caso de serviços foi o seu crescimento, enquanto na indústria foi sua crescente informalização.⁵

3 COMENTÁRIOS FINAIS

Vimos que, após crescer continuamente ao longo da década de 1990, o processo de informalização das relações de trabalho perdeu fôlego e estabilizou-se a partir de 2000 no âmbito do mercado de trabalho metropolitano brasileiro. Além disso, constatamos

4. Quer dizer, diminuiu o número de vínculos formais no mercado de trabalho metropolitano.

5. É interessante destacar que esse fato afeta duplamente a informalidade global, na medida em que implica mais vínculos informais, em termos absolutos, e, por conseguinte, uma grande redução no número de postos de trabalho com vínculos formais.

que este comportamento está relacionado com o comportamento de dois setores emblemáticos da economia: o do setor de serviços, em que a informalidade é bastante elevada; e o da indústria de transformação, em que os vínculos formais predominam.

O interessante é que a importância desses setores para o entendimento do fenômeno não pode ser compreendida apenas na esfera de um efeito composição associado à realocação setorial do emprego — o setor de serviços cresceu e a indústria encolheu. Na verdade, enquanto o crescimento do setor de serviços tem um efeito claro e simples de ser entendido, a questão do encolhimento da indústria é um pouco mais complexa, pois ocorreu em meio a um crescimento da informalidade do setor.⁶

De qualquer modo, mesmo que por caminhos um tanto tortuosos, a conclusão a respeito da possível evolução da informalidade no futuro próximo é clara. Tendo em mente que o processo de ajustamento da estrutura produtiva na indústria de transformação parece próximo de um desfecho, de tal forma que sua participação no emprego e seu grau de informalidade vêm se mostrando estáveis nos anos recentes, e considerando que a mudança do regime cambial no início de 1999 conferiu um ganho automático de competitividade a este setor e, ao alterar os preços relativos, pode ter contribuído para cercar em parte o crescimento do setor de serviços, parece lícito conjecturar que o panorama dos dois últimos anos deve perdurar em um futuro próximo.

ANEXO

BASE DE DADOS

TABELA A1

Evolução do Grau de Informalidade no Mercado de Trabalho Metropolitano — 1991-2001

Mês	Ano										
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	39,74	41,01	43,58	44,83	45,56	47,10	48,24	48,06	49,29	50,25	49,95
Fevereiro	40,05	41,85	43,46	44,94	45,31	46,56	47,38	48,02	49,85	50,55	49,47
Março	40,63	42,17	43,83	44,78	45,29	46,57	47,69	48,25	49,92	51,16	49,96
Abril	40,70	42,94	43,94	44,88	45,33	47,19	48,02	48,34	49,72	51,53	49,67
Mai	41,73	43,24	44,15	44,87	45,65	47,54	47,94	48,28	49,47	51,23	50,09
Junho	41,56		43,72	44,85	45,39	47,81	47,63	48,05	49,93	50,88	49,81
Julho	41,22		43,35	45,08	45,46	48,20	47,87	48,33	49,85	50,81	49,61
Agosto	41,26	43,09	43,87	45,82	46,45	48,01	47,48	49,06	49,68	51,25	50,03
Setembro	41,00	43,46	43,77	46,07	46,35	47,99	48,08	48,84	49,99	51,05	49,98
Outubro	40,86	44,01	43,83	45,93	46,62	47,98	48,55	49,35	50,29	50,86	50,38
Novembro	41,12	44,66	45,00	46,92	47,47	48,12	48,82	49,18	50,49	50,51	50,89
Dezembro	41,02	44,43	44,69	45,75	47,53	47,68	49,22	49,25	50,56	50,35	50,17
Média	40,91	43,09	43,93	45,39	46,03	47,56	48,08	48,59	49,92	50,87	50,00

Fonte: PME/IBGE.

6. Na indústria, se a informalidade tivesse permanecido a mesma, o efeito seria tão claro quanto no setor de serviços e, portanto, faria todo sentido falar apenas em efeito composição: um setor bem formalizado encolheu, a informalidade tende a crescer; se tivesse se expandido, teria contribuído para diminuir a informalidade. A segunda parte da afirmativa

TABELA A2

Evolução da Estrutura Setorial da Ocupação: Indústria de Transformação — 1991-2001

(em %)

Mês	Ano										
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	22,58	21,51	20,34	19,94	20,09	18,39	17,90	17,10	16,27	16,22	16,23
Fevereiro	21,92	21,18	20,19	19,90	20,32	18,29	17,68	17,06	15,92	15,87	16,19
Março	21,90	20,83	20,37	19,62	20,53	18,46	17,71	17,31	16,24	16,18	16,08
Abril	21,89	20,80	20,54	19,84	20,10	18,55	17,73	17,03	16,25	16,38	16,38
Mai	22,23	20,33	20,29	19,70	19,63	18,46	17,73	17,22	16,35	15,94	16,29
Junho	22,36		20,47	19,66	19,51	18,24	17,53	16,83	16,36	16,09	16,17
Julho	22,49		20,48	19,51	19,40	17,99	17,42	16,37	16,09	15,97	16,06
Agosto	22,60	20,40	20,26	19,27	18,98	18,07	17,08	16,35	16,12	16,14	16,13
Setembro	22,66	20,26	20,21	19,73	18,95	18,06	17,30	16,35	16,14	15,90	16,07
Outubro	22,20	20,29	19,86	19,68	19,07	18,23	17,59	16,44	16,09	16,13	16,15
Novembro	21,79	20,13	19,92	19,98	18,86	18,09	17,35	16,30	16,31	16,29	15,80
Dezembro	21,77	19,67	19,89	20,00	18,66	18,03	16,81	16,21	16,33	15,74	15,76
Média	22,20	20,54	20,23	19,74	19,51	18,24	17,49	16,72	16,21	16,07	16,11

Fonte: PME/IBGE.

TABELA A3

Evolução da Estrutura Setorial da Ocupação: Setor de Serviços — 1991-2001

(em %)

Mês	Ano										
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	35,32	36,00	36,34	37,72	37,81	38,96	39,81	40,96	41,62	41,85	42,18
Fevereiro	35,84	36,39	36,61	37,34	37,89	39,57	39,80	40,92	41,78	42,24	42,16
Março	35,74	36,31	36,80	37,64	37,83	39,24	39,90	41,28	41,53	41,55	41,88
Abril	35,62	36,36	37,22	37,50	37,80	39,16	39,81	41,14	41,43	41,22	41,80
Mai	35,84	37,29	37,25	37,62	38,24	39,65	40,16	40,65	41,69	41,72	42,09
Junho	35,63		36,98	38,16	39,07	39,65	39,91	40,82	41,51	41,52	41,62
Julho	35,38		36,75	37,69	39,07	39,60	40,41	41,22	41,86	42,11	42,10
Agosto	35,46	36,20	36,80	37,71	39,19	39,70	40,48	41,43	41,79	41,83	41,79
Setembro	35,65	36,41	37,21	37,63	38,87	40,04	40,56	41,62	41,95	42,28	42,04
Outubro	35,82	36,65	37,59	37,54	39,17	39,94	40,48	41,73	41,72	42,02	42,16
Novembro	35,86	37,12	37,72	37,82	38,99	39,85	40,60	41,55	42,02	41,72	41,91
Dezembro	36,15	36,88	37,82	37,73	39,23	39,94	40,60	41,40	41,84	42,07	42,34
Média	35,69	36,56	37,09	37,68	38,60	39,61	40,21	41,23	41,73	41,84	42,01

Fonte: PME/IBGE.

anterior não é, todavia, necessariamente correta, haja vista que a premissa não é verdadeira (a informalidade dentro da indústria não permaneceu constante — cresceu).

TABELA A4

Evolução Mensal do Grau de Informalidade: Indústria de Transformação — 1991-2001

(em %)

Mês	Ano										
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	16,16	15,62	20,32	20,74	21,86	23,38	26,13	26,03	28,11	31,71	27,46
Fevereiro	15,66	16,01	19,52	19,95	20,86	22,99	24,86	26,71	28,91	32,08	26,70
Março	16,94	16,72	19,59	19,92	21,76	23,64	24,80	27,79	27,80	31,65	27,97
Abril	16,21	18,68	20,57	19,70	20,89	24,13	24,07	27,19	28,29	33,22	28,59
Mai	16,96	17,89	18,63	19,58	19,76	23,79	25,13	27,77	27,86	32,40	28,83
Junho	17,32		18,57	18,96	19,73	24,25	25,94	26,23	28,08	31,99	27,83
Julho	16,64		18,48	20,10	19,86	24,62	25,44	26,27	29,06	31,15	26,98
Agosto	17,11	18,37	19,41	20,45	21,10	24,76	25,58	27,81	28,86	31,67	28,30
Setembro	16,84	19,11	19,46	21,09	20,90	25,77	26,34	27,81	30,00	30,80	28,67
Outubro	16,87	19,75	19,06	21,66	21,77	25,93	27,81	27,55	29,70	31,62	29,02
Novembro	15,89	19,82	20,36	23,47	23,28	25,94	27,43	29,37	31,65	31,37	28,73
Dezembro	15,15	20,30	21,05	22,68	23,48	25,64	26,45	28,02	32,63	30,02	28,50
Média	16,48	18,23	19,58	20,69	21,27	24,57	25,83	27,38	29,25	31,64	28,13

Fonte: PME/IBGE.

TABELA A5

Evolução Mensal do Grau de Informalidade: Setor de Serviços — 1991-2001

(em %)

Mês	Ano										
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	56,34	55,55	57,40	57,31	56,83	56,49	56,93	56,80	56,61	57,06	54,16
Fevereiro	55,72	56,40	57,16	57,02	57,21	56,30	56,43	56,47	57,49	57,25	53,87
Março	56,00	56,66	57,80	56,39	56,63	56,75	57,07	56,68	57,43	58,07	54,46
Abril	55,91	56,55	56,99	56,62	56,71	57,85	57,26	56,32	56,86	58,85	54,00
Mai	57,20	56,99	57,22	56,97	57,01	57,89	57,10	56,39	56,67	58,63	54,06
Junho	56,47		56,91	57,43	56,68	58,20	56,68	55,98	57,06	58,37	53,74
Julho	55,91		56,31	56,86	56,49	57,37	56,56	55,73	57,21	58,28	53,86
Agosto	55,54	57,34	57,37	57,70	57,35	57,47	55,75	56,36	56,34	58,91	54,33
Setembro	55,75	57,79	56,73	58,37	57,11	57,43	56,28	55,99	56,56	58,47	54,63
Outubro	55,30	57,77	56,31	57,73	57,21	57,36	56,82	57,02	56,62	58,15	54,81
Novembro	55,55	58,09	57,69	58,69	57,66	57,29	56,80	56,01	57,32	57,54	55,24
Dezembro	55,47	57,97	56,76	57,26	57,42	57,07	57,18	56,43	57,02	57,05	54,34
Média	55,93	57,11	57,05	57,36	57,02	57,29	56,74	56,35	56,93	58,05	54,29

Fonte: PME/IBGE.

EDITORIAL

Coordenação

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Supervisão

Helena Rodarte Costa Valente

Revisão

André Pinheiro

Elisabete de Carvalho Soares

Lucia Duarte Moreira

Luiz Carlos Palhares

Miriam Nunes da Fonseca

Tatiana da Costa (estagiária)

Editoração

Carlos Henrique Santos Vianna

Joanna Silvestre Friques de Sousa (estagiária)

Rafael Luzente de Lima

Roberto das Chagas Campos

Divulgação

Raul José Cordeiro Lemos

Reprodução Gráfica

Edson Soares

Brasília

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,

10^º andar – 70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 315-5336

Fax: (61) 315-5314

Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Home page: <http://www.ipea.gov.br>

Rio de Janeiro

Av. Presidente Antônio Carlos, 51, 14^º andar

20020-010 – Rio de Janeiro – RJ

Fone: (21) 3804-8118

Fax: (21) 2220-5533

Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

Tiragem: 130 exemplares

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)